

ANTÓNIO RAMOS DE ALMEIDA

SINFONIA
DA GUERRA

POEMA



EDIÇÕES ~ SOL NASCENTE ~ PÓRTO

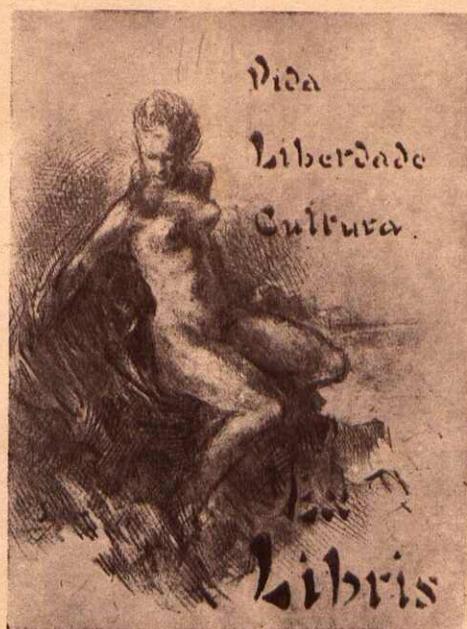
1939

1101113

1101113

1101113

SINFONIA DA GUERRA



A. RIBEIRO DOS SANTOS
MÉDICO

891.8.52.2

1797

OBRAS DO AUTOR

SINAL DE ALARME — POEMAS — COIMBRA — 1938.
SINFONIA DA GUERRA — POEMA — PÔRTO — 1939.

EM PREPARAÇÃO

GERMEN — NOVELA.
METRÓPOLE — POEMAS.

ANTÓNIO RAMOS DE ALMEIDA

SINFONIA DA GUERRA

POEMA

COM UM PREFÁCIO DE
RODRIGO SOARES, UM
POST-FÁCIO DE JOAQUIM
NAMORADO, UM DESE-
NHO DE JOÃO ALBERTO

1939

ANTONIO RAILOS DE ALMEIDA

SINFONIA
DA GUERRA

FORMA

COM UM ARRANJO DE
ESCRITO POR
SOLISTA DE VOZ
MARIANO DE DEUS
E DO ARRANJO



PREFÁCIO

Sinfonia da Guerra se chama este poema de António Ramos de Almeida, escrito no momento em que se joga o destino de mais de metade da população do mundo inteiro e quando as ideias bem humanas de humanismo concreto, de cultura e de progresso estão dependentes do resultado aleatório do embate dos grandes imperialismos.

Estamos num dos momentos mais graves da história da humanidade. Esta segunda grande guerra tem um carácter decisivo. E' dela que saírá o caos ou um novo mundo, um mundo em que não se destruam mas se aproveitem tôdas as riquezas da vida.

A publicação de Sinfonia da Guerra na hora presente tem um significado que está muito para além do simples aparecimento de mais um livro de versos. Sinfonia da Guerra tem o sentido de um protesto e a ressonância de um poema popular. Por vezes ao lê-lo tem-se a impressão de que não é o poeta que fala, mas uma voz anónima e obscura, ao mesmo tempo penetrante e esmagadora, — a voz do povo, a voz da vida contando-nos a vida. E isto porquê? Porque António Ramos de Almeida é um dos novos escritores portugueses que com os olhos dilatados de tensão encaram a realidade de frente. Ele poderia pôr na capa do seu livro estes belos versos do poeta Pablo Neruda:

Perguntam-me porque é que a minha poesia
Não fala do sonho, das fôlhas,
Dos grandes vulcões do meu país natal?

Venham ver o sangue nas ruas.
Venham ver
O sangue nas ruas,
Venham ver o sangue,
Nas ruas (1).

A arte não é inútil. Quando se integra nas correntes mais profundas da história, naquelas pelas quais a história se faz, a arte constitui um elemento actuante na sociedade: uma força e um expoente, uma alavanca e um facho. A arte só é inútil quando «um tédio corrosivo se apodera do homem indiferente às aspirações e aos inte-

(1) *L'Espagne au coeur*, trad. Louis Parrot. Paris, Ed. Danoël, 1938, pág. 16.

rêses da sua época», quando «uma espécie da mórbida voluptuosidade impele à perscrutação mais engenhosa, mais delicada e mais subtil dos elementos da corrupção, pondo os disvelos que se poderiam consagrar às grandes e fiéis imagens da vida natural e progressiva na descrição minuciosa e requintada de todos os sucessivos trâmites da irremediável caducidade», quando «os artistas, abandonando o rigoroso inquérito da criação e da sociedade, se imobilizam na mórbida reclusão autofágica da libertina fantasia» (1).

António Ramos de Almeida não é apenas o poeta que já nos dera Sinal de Alarme, um livro como que insólito no nosso meio, e que agora nos dá Sinfonia da Guerra, este belo poema que não pode esquecer-se. Éle é também um crítico de valor, que se impõe ao respeito dos seus próprios adversários e que se eleva ao mais alto nível da crítica literária orientada e consciente.

Por tudo isto — a amizade não me impede de dizer o que penso — creio que Ramos de Almeida é um daqueles novos escritores portugueses que terão um activo papel no combate ao idealismo da literatura subjectivista, ao espirito egoísta e indiferente de certa poesia e ao facciosismo sistemático dos críticos literários.

O autor deste livro é um daqueles novos poetas que estrangulam o lirismo intimista e a retórica vazia, que sabem o que cantam e que conhecem a força admirável das palavras com que constroem os seus poemas.

As Edições Sol Nascente retomam a sua actividade com um livro de valor manifesto, que terá com certeza o êxito que merece entre todos os que distinguem a verdadeira poesia e, particularmente, entre aquêles que entendem que ela deve ser um meio ao serviço dos grandes fins e não um fim em si mesma, um auto-erotismo mais ou menos musical ou mais ou menos sedutor.

Ramos de Almeida dá-nos agora Sinfonia da Guerra. Quando a carnificina terminar, ¿que nos dará a sua voz pura de poeta, sensível às grandes comoções sociais e às pequenas dores de cada dia? Julgo que nos dará como agora a expressão incisiva do que fôr então o estado de espirito provocado pelas novas realidades.

Os homens fazem a história. Os poetas cantam-na e ajudam a fazê-la...

Novembro de 1939.

RODRIGO SOARES.

(1) Ramalho Ortigão, *A Holanda*. 6.^a ed., págs. 315 e 344.

AOS QUE MORREREM

E

AOS QUE SOBREVIVEREM

FOR THE MONTH

1880

INÍCIO

Vida inerte, vasia, parada...
Sob o céu azul do dia calmo,
A sinistra voz que não diz nada.

No «placard» do grande matutino,
Duas linhas negras de nanquim
Dizem, sem mais nada: O destino...

PAUSA

O bulício da cidade parou;
Cedeu ao travão forte da surpresa;
Inesp'rado, afinal, sempre chegou
O que todos diziam ser certeza.

Espalha-se o terror pela cidade,
—Oculto rio que saíu do leito,—
O céu azul não é de tempestade,
Mas um ciclone dorme em cada peito.

NOTÍCIA

Vai a voz sinistra pelo mundo,
Errante, tal um cego vagabundo,
Furiosa como um anjo de ódio;
Vai p'los campos, p'los montes, p'los prados,
Aos gritos, aos repelões, aos brados,
Acordando a vida adormecida;
Vai de lés a lés, à Terra inteira,
De Leste a Oeste, de Sul a Norte,
Semeando a dor, o sangue e a morte:
Não sei quantos anos de trincheira...

MOBILIZAÇÃO

Pela voz do locutor,
Chega ao palácio do rico,
Que, para esquecer a Vida,
Bebe um cálice de licor
E vai para o «cabaret»,
Escolher uma mulher,
Com quem se possa gozar
Mais uma noite de amor.

À casa do camponês,
Chega à hora do almôço,
—Será um grande alvoroço,
E ninguém sabe o que foi,
Mas o chefe explicará:
Aconteceu-nos pior
Do que a morte do boi...

O silvo rouco da fábrica
Rompe a espessura do ar.
E o exército do trabalho,
Que vive sem respirar
Nas horas da oficina,
Vai cumprir a sua sina,
Para o fundo das trincheiras.

Chegam os barcos do mar.
Na campanha há alegria,
— Alegria por chegar.
O mulhierio na praia
Cansa os olhos de chorar.
E à voz dos companheiros,
Que sorriem pela terra,
Responde um vago soluço
Que diz a palavra: *Guerra.*

DESPEDIDA

Parte-se a vida à largada,
Num beijo da nossa mãe,
Num olhar da namorada,
Fica tudo que se tem.

O lenço que nos acena,
—Bandeira branca de paz,
Murcha como uma açucena
E nunca mais se refaz.

OS QUE FICAM...

Não valem as palavras, nem as lágrimas;
A vida foi cortada por um traço:
Cada um sente o golpe, a falta, a ausência,
Como se lhe fôsse amputado um braço.

OS QUE PARTEM...

Parte-se... como se a vida rolasse
Para lá do tempo, para lá do espaço;
E em cada olhar silencioso e baço
Desenha a mão oculta, frágil e vã,
As últimas figuras da esperança,
As primeiras figuras da saúde...
E sobre o casario branco da cidade,
Cada vez mais distante e mais perdida,
Paira, alado, o Alvo Fantasma da Vida.

Ai a vida!... Agora é outra... Será Vida?
Sabe-se lá! Os extremos dos limites

Já não interessam ninguém...
Todos olham, cheiram, respiram
Como no útero da mãe.

VIAGEM

Êles lá vão...
Sem reparar na paisagem,
Sem olhos para ver beleza,
Sem alegria ou tristeza,
Cantando o hino da pátria.
Os montes são que respondem,
Porque o eco é o mesmo
Dos tempos doces da paz...
— A natureza é ingénua,
Não aprova nem reprova
Aquilo que o homem faz.

Êles lá vão...
Atravessando as fronteiras
Que aprenderam nos mapas,
Mas que são atravessadas,
Vencidas, ultrapassadas,
Pela marcha natural
Do rio humano que avança:
Perdidos como a criança
No escuro do pinhal.

Êles lá vão...
Sob a chuva e sob o sol,
Cada qual com seu romance
Guardado dentro de si,
Como em estante fechada:
O universo é uma estrada,
A vida é marcha forçada...
Que não parece acabar,

Os homens são semelhantes
Pelo número e pela farda,
E antes que chegue a morte
Todos terão a certeza,
Que só tendo a mesma sorte,
E' que podem ser iguais.

“FRONT”

Era nestes campos distantes e isolados,
Que o homem atirava o grão das sementeiras...
Dantes: A aventura obscura dos arados.
Agora: O heroísmo falso das trincheiras.

VIDA DAS TRINCHEIRAS

Na terra revolvida, aberta em galerias,
—Obra monstruosa das humanas toupeiras,—
Esconde-se o homem meses, semanas, dias,
Vivendo a podridão horrível das trincheiras.

Não há céu, nem luz, nem ar, nem vida, nem nada;
O dia é como a noite, a noite é como o dia;
O soldado vergado ao péso da espingarda,
Nem sente a ilusão da sua nostalgia.

NOITE DE LUAR NA TRINCHEIRA

(Canção da sentinela)

Noite de luar!...
Feita para amar
Na praia distante...

Noite de luar!...
Que vens recordar
Desejos de amante.

Noite de luar!...
Que só faz lembrar
Nudez de mulher...
Noite de luar!...
Que vens recordar
Quem tanto nos quer.

Noite de luar!...
A lua a chorar
A sua histeria...
Noite de luar!...
Podes acabar
Tua tirania.

TERRA DE NINGUÉM

Terra de Ninguém!...
Abismo escuro que separa os homens,
Espaço devastado que nos quer
Como se fôsse um corpo de mulher
Nascido para a dádiva ou a disputa:
Mas, perdido o recato da inocência,
Apenas resta, sem desejo ou prece,
A carne aberta de uma prostituta.

Terra de Ninguém!...
Madrasta traiçoeira que nos come,
Sem amor, sem afagos, sem carinhos:
Somos alimento da tua fome
Que no tempo correu todos os caminhos,
Sem encontrar o verdadeiro nome
Dos venenos cobardes e mesquinhos.

Terra de Ninguém!...
País sinistro de gritos e de mortos
Onde a vida não cresce nem perdura;
Os cadáveres desfeitos, os corpos tortos,
Muitos homens de rastos à procura
De mais homens a quem possam matar:
Todos vivendo a trágica loucura
Do herói que só pensa em se salvar.

O PRIMEIRO SOLDADO QUE TOMBOU:

Tinha ainda nos olhos
Os restos do sonho a sonhar,
—A morte matou-o
Antes que pudesse acordar.

Tinha ainda nos cabelos
As carícias dos maternos dedos
E nos ouvidos ainda falava
O eco dos últimos segredos.

Tinha ainda nos lábios
Os vestígios do beijo da despedida
E o hálito da outra bôca
Que lhe prometera a vida.

Tinha ainda nas mãos
Um gesto qualquer,
Abandono, resistência ou revolta
Ou nem isso sequer.

Tinha ainda na face
O sorriso da mocidade que não sabe chorar,
Mas na sua frente serena
A bala anónima soubera matar.

Um ténue fio de sangue
Descia-lhe pelo rosto exangue...
Era a nascente dos rios de sangue
Que em breve nos virão inundar,
—Maré alta do ódio e da morte
Onde o navio da vida
Irá naufragar.

A GUERRA NO MAR

Eras a própria distância
Que nos une e nos separa,
Na fonte da tua ânsia
A maior sêde secara.

Baloçavas o navio
Como a mãe o seu menino,
Que enche todo o vazio
Com o corpo pequenino.

Na proa a canção dolente
Do teu marinheiro triste,
Que a-pesar-de ser valente
À saüdade não resiste.

E dois destinos distantes
Encontraram-se em viagem;
O sonho dos emigrantes
Descobriu outra paisagem.

Fértil viveiro de sonho
Onde o luar se perdeu,
O pesadelo medonho
Até a ti converteu.

O Barco perdeu o rumo,
O Sul é igual ao Norte,
Nas ondas subindo a prumo,
Perde-se o vulto da morte.

II

Nem a lua no céu,
Nem o luar nas ondas,
Nem um barco de velas pandas,
Nem uma canção de marinheiro...
O mar é um deserto escuro,
Mole, profundo e traiçoeiro.

Dantes, oh marujo sonhador!...
Era uma mulher em cada pôrto,
Que marcava no teu corpo,
— Em troca dum filho ou dum abôrto —
Com beijos sensuais de tatuagem
A nudez da sua imagem...

Dantes, oh heróico pescador!...
Eram as tuas rédes sempre cheias
Com o sangue das tuas veias,
E o sal do teu suor,
E na praia a tua companheira,
Esperando o teu amor.

Dantes, oh trabalhadores do mar!...
Era ainda lançar ao Mar a sorte;
Hoje, nada podeis mais esperar:
Terra ou Mar é sempre Morte...

MASSACRE DA ALDEIA FRONTEIRIÇA

Era a aldeia primeira daquela nação,
Alva e franca, estendida como qualquer mão
Que quisesse apertar fraternalmente a outra.

Era pintada pelo sonho e pela alvura da neve,
Tinha auroras escarlates e crepúsculos com rebanhos,
Fogueira na lareira e a carne tenra dos anhos.

Aos domingos havia missa na capela,
— Mancha branca no verde escuro do monte,
No campanário altivo, um galo e uma estrêla.

No ar dançavam melodias e canções,
Vozes de pássaros ou paixões de raparigas
Que morriam de cio nos tálamos das cantigas.

Mas a aldeia plantada na berma da pátria,
No marco de pedra escrito o seu nome,
Já tinha a miséria, o frio, a dor e a fome.

E quando chegou o grito da guerra,
E os homens válidos deixaram a terra,
Mais fome ficou na aldeia distante.

Enxadas, charruas quedaram-se inertes,
Membros de ferro sêm dó decepados,
Armas da paz sem mãos de soldados.

Um dia rosnou no ar uma voz,
E a terra da paz, com Cristo e ermida,
Calada e mais pálida, entregou-se vencida.

Nos estábulos as vacas olharam-se surpresas,
Os sons que ouviram não eram trovão:
Um instinto animal dizia-lhes que não.

Monstros de ferro saíram do bosque,
Levando com êles a vida a reboque,
Destruindo e arrasando com riso de fogo.

Átilas modernos, com almas mais bárbaras;
Esmagavam casebres, pomares, hortas e flores;
A paz e o belo, o justo e o bom, morreram tumores.

Uma chuva de ferro caiu caudalosa,
Pedacos de sangue como pétalas de rosa,
Lançaram no ar estilhaços humanos.

Aos gritos de alarme ninguém respondeu,
O sino ingénuo tocou a rebate,
Mas só com a fôrça a fôrça combate.

Durou pouco tempo aquela agonia.
A Aldeia de séculos finou-se num dia
E nem viva alma ficou p'ra contar...

Um monte de pedras, de mortos, de sonhos,
Soluços ocultos da terra a chorar,
Um marco de pedra, tombado, marcando o lugar.

CIDADE BOMBARDEADA

Cidade!... Flébil vítima abandonada,
Seios expostos ao furor da bala,
A face calma olhando o firmamento,
Na prece derradeira que não fala.

Imaculada virgem bela e nua,
Esperando o estupro que não quer,
Só rasgando a beleza do teu corpo,
Se fecunda o teu ventre de mulher.

Beijaram-te os teus lábios e os teus seios,
Fizeram-te ciosa por amar.
Mas na noite de núpcias desejada
Faltou a fôrça de te desflorar.

As tuas veias cheias de promessas,
Febre de amor em que teu corpo arde,
Choram sòzinhas na noite deserta
A fuga do teu amante cobarde.

O amor que te deram não chegou;
Era um desejo mórbido e estafado.
Teu amante fugiu, mas já voltou
Nos licores do ódio embriagado.

Voa de noite pelos teus espaços,
Como Romeu em volta do balcão,
Faltou-lhe amor para pagar ao teu,
Mas sobra-lhe ódio no seu coração.

Esperas ansiosa que êle chegue,
E' dêle que depende a tua sorte;
Prometeu-te felicidade e vida
E vem agora oferecer-te a morte.

Noite trágica de primeiras núpcias!...
— E' tua a ingenuidade da paixão,
Mas êle esconde na capa da noite
O punhal afiado da traição.

O MONUMENTO DO OUTRO SOLDADO DESCONHECIDO

Uma baioneta espetada na terra
Marcava no coração da cidade
A punhalada da última guerra.

Todos julgavam a última e a maior,
O supremo delírio do ódio
Que para sempre semeara o amor.

Foi mais um engano da vida,
Mais uma ilusão dos homens,
Mais uma esperança perdida.

Destroçado sôbre terra, jaz
O Túmulo Simbólico dos que morreram
Para dar ao mundo vinte anos de paz.

A DERROCADA DA CATEDRAL

A Catedral era a marca do eterno...
Gótica, imponente, desafiava o céu e o tempo
Com as suas agulhas de pedra.

Sôbre o seu corpo de relíquia caíra
A chuva inclemente das épocas;
E nas suas tórres de granito
Beijaram-se as faces dos ventos;
E os seus vitrais diáfanos e místicos
Coavam a poeira das noites luarentas
Que semeava sombras nas naves imortais.

A Catedral era o espectro que não morria,
Era a criação do homem que o ultrapassava e vencia...
Ouvira a gritaria das multidões ululantes,
O gemido simbólico dos sacrificados,
A voz iluminada dos profetas,
Os cânticos dos pássaros e dos poetas,
As juras eternas dos namorados;
E contemplara os massacres dos tiranos,
As violentas posses clandestinas,
Os duelos de morte nas esquinas,
As adagas afiadas do ciúme
Cravando-se no quente das alcôvas,
Entre seios arquejantes de amantes adúlteras.

Tudo entrara por osmose na sua epiderme de granito,
Enegrecendo-a como um pandeiro andaluz,
Ao contacto dos dedos finos da bailarina
Que cantou, dançou e morreu diante da cruz.

A vida ajoelhava-se aos seus pés,
Sôbre o manto da sua majestade,
Incorruptível ao suborno dos reinados fugidios;
E perante o seu hálito de imortalidade
Curvaram-se os soberanos da fôrça, da arte e do amor.

Ela era bem o altar imperecível,
Que ouvia impávido e sereno,
Mergulhado na magia fria da sua grandeza,

As preces mais convulsas da Humanidade...
Todos baqueavam, todos sofriam o horror da Morte,
Mas ela ficava no seu perene desafio de pedra,
Marcando como um relógio sem corda
A ilusória tirania do tempo,
Que devora nos covais dos cemitérios.
Os olhos dos artistas que vislumbraram beleza,
Os cérebros dos filósofos que pensaram metafísicas,
As línguas eloqüentes dos oradores que arrastaram,
Os braços fortes dos lutadores que venceram,
Os encantos ocultos das mulheres que seduziram.

Na sua nave ecoavam os passos do tempo;
E quando os sons místicos do órgão
Cortavam o silêncio mais que tumular,
O homem, envolvido na túnica das suas fraquezas,
Ouvia a voz que lhe vinha do mais íntimo,
— Julgando que vinha do mais além...
E quando a luz dos candelabros iluminava
O escuro da sua oculta superstição,
O homem olhava, sem ver, o Eterno do Inacessível.

No lagedo da sua nave secular
Ajoelharam-se as noivas e as espôsas;
E outras, ébrias de místico histerismo,
Viveram, no seu húmido ambiente interior,
Os momentos sublimes do divino amor;
E outros, com os olhos lívidos de visões,
Lançaram à multidão a palavra estranha,
Murmurando o eterno sermão da Montanha;
E os assassinos perversos pediram-lhe perdão;
E o homem justo e sábio, senhor do mistério,
Resou-lhe a oração da sua ignorância...

A Catedral era a gruta dos milagres,
Onde Deus surgia como leme dos caminhos;

Todo o mundo seria pó, seria espaço ou tempo...
Ela ficaria presente, porque era o vulto de Deus,
A sombra imortal do mistério dos céus.

Mas naquela Noite...
Quando o silvo do sinal de alarme
Cortou, com a fúria de um açoite,
O corpo da cidade adormecida
E acordou a vida,
Os homens que restavam,
Fugiram para os abrigos,
As mulheres que sobravam
Levaram consigo
O incalculável tesouro dos filhos...
A Catedral ficou como o anjo da guarda
Velando pela cidade abandonada.

Tudo fugiu por encanto mágico,
Sumiu-se na escuridão e no silêncio,
Nas novas catacumbas das caves...
Mas ela, o marco da eternidade,
Ficou impávida na sua megalomania,
Cumprindo o seu dever de sentinela da cidade.

O silvo continua pela noite,
Como na serra o uivar das alcateias,
Que descem, famintas, cruéis, ferozes,
Sôbre o dorso indefeso das aldeias.

Surgiu longe o roncar dos aviões,
Ameaça que vinha do etéreo,
Águias d'aço guiadas pelo homem,
Lutando com o canhão anti-aéreo.

Os holofotes cravavam punhaladas na noite...

E um grito aflito saíu do seio da vida,
Débil, como um gemido de gazela ferida,
Oculto como as últimas palavras de um moribundo.
Emquanto o avião louco e vagabundo
Vomitava uma gargalhada de metralha,
E os arranha-céus ruíam como mitos de papel...

No céu estrelado nascia um Vesúvio,
Chorando lavas e granadas...
A cidade era um incêndio sem paiol;
Um fumo espesso escondia a hecatombe
Tal como um cadáver coberto por um lençol.

Ela, a Catedral, ainda resistia...
Mas o abutre d' aço rondava traiçoeiramente,
Para no momento sublime do seu abandono,
Espetar nos seus ossos até ao tutano,
As garras aduncas da sua vingança.

De-repente, o planeta estremeceu!
O silêncio gritou, o escuro esclareceu!
E um estrondo de queda e de fim
Rompeu o tímpano de nácar e de marfim...

Caíram as cúpulas imortais...
Cristo, o Deus-homem crucificado,
Fôra emfim despregado
Do trono do seu martírio,
E ficou, perdido e esfacelado,
Entre os outros escombros da velha Catedral.

O Silêncio nasceu novamente
E lentamente, lentamente...
Um novo dia raiou mais alvo, mais puro, mais quente
E o homem com medo da surpresa

Salu do buraco como um animal.
A cidade era outra, era um monte de pedra,
Amorfo como a idea abstracta do caos.
A natureza vivia impávida e igual,
E no monte de Sinai das ruínas,
Ninguém decifrava quais eram as pedras
Que foram dos muros da Cathedral.

NOS ESCOMBROS DA CIDADE

Sob o manto dos escombros
Ficaram séculos de Vida...

Os homens olharam-se
Mais homens e mais iguais,
Quando voltaram do escuro dos abrigos
E contemplaram o Sol;
E só então repararam
Que havia luz a mais,
E só então é que viram,
Até onde se cegaram,
Ou até onde os cegou,
A miopia dos seus pais.

HOSPITAL DE SANGUE

Em tempos que já lá vão foi um palácio...
Príncipes, duques e marquesas
Passearam nos salões,
E nos bancos de mármore do jardim,
Fizeram-se juras
E palpitarão corações.

Pares de jovens, pares de sonhos
Rodearam as valsas,
Embragados de amor,
Emquanto perfumes estranhos
Semeavam no ar
Arabescos de odor.

Nasciam romances,
Nos bailes de gala,
Em noites beijadas de lua;
De tudo ficou testemunha
A estátua do jardim:
Cupido e a Vénus Nua.

Depois foi um museu,
Com um guia de libré
Mostrando as relíquias do passado;
Nos salões: quadros, mobílias, silêncio...
Perdido nos ângulos do parque
O mesmo par enamorado.

Já não era preciso ser nobre
Para amar nos mármore dos bancos;
Bastava ser filho da rua.
De tudo ficou testemunha,
A estátua do jardim:
Cupido e a Vénus Nua.

Hoje, nem galas, nem silêncio,
Nem música, nem perfumes estranhos,
Nem arte, nem ébrio esplendor;
Do palácio aristocrático
E do museu democrático
Resta apenas um grito de dor.

O cheiro do clorofórmio,
Do sangue, das chagas, da morte,
Enche os antigos salões;
No peito das enfermeiras,
Nos soldados decepados,
Batem outros corações.

Meretrizes e donzelas
Procuram dar vida aos homens
Caídos dos parapeitos...
O Essencial é dar Vida
Ao corpo que pode amar;
O Resto é dos preconceitos.

Muito mais que as granadas,
Diz este pranto sincero
Que de tudo se insinua:
E' a queda daquela estátua
Que tombou bombardeada:
Cupido e a Venus Nuá.

CEMITÉRIO

Da sementeira de vidas
Nascerão brancas searas
Que ficarão esquecidas...

Cada campa foi um homem,
Um sonho que se perdeu,
Uma mulher que chorou,
Um filho que não nasceu,
Um fantasma que ficou.

Quando o silêncio voltar
Alguém torna a perguntar
Olhando a seara imensa:
Como? Porquê? Para quê?
E outra vez, mais uma vez,
Ninguém saberá responder.

AINDA É CEDO PARA CANTAR A PAZ

Ainda é cedo para cantar a paz...
Debruçado sôbre o mundo,
O homem escuta uma voz estranha
Que lhe diz uma mensagem qualquer,
Que tudo lhe promete, que tudo lhe nega,
Como o primeiro olhar duma mulher.

Quando o silêncio volta
Abandonar os seus segredos
Quando a noite vem
Como o vento para o dia
E assim vai a vida
Ninguém sabe responder

AINDA É CEDO PARA CANTAR A PAZ

Ainda é cedo para cantar a paz
Depois do sono o mundo
O homem escuta as vozes estranhas
Que lhe dão mensagens inesperadas
Que tudo lhe promete que não há paz
Como o primeiro olhar dum menino

POST-FÁCIO

Ser poeta era até há bem pouco estar fora da vida, possuir uma sensibilidade anormal, um sentido mágico da vida ou, pelo menos, um encanto transfigurador do real, do concreto. Hoje, os poetas duma nova geração reivindicam o direito de serem homens, de serem comuns, ainda quando são poetas; renunciam ao formalismo puro e ao convencionalismo estreitos dos temas poéticos em favor duma arte de largo sentido humano onde o quotidiano e o tóda-a-gente perdem seu ar de espantalhos de vulgaridade para serem riqueza e experiência vivida.

Esta atitude motivou a acusação sistemática de, por um preconceito político, renunciarem a um longo aprofundamento psicológico, ao qual se deve a luz feita em certos meandros da alma. Se a arte corresponde a uma inquietação determinada, se na génese do fenómeno artístico, a uma reacção inicial perante o objecto se segue uma identidade entre a representação consciente, formal, e o intimamente sentido, estabelecida em relações de verdade e sinceridade do artista para consigo próprio, uma análise cuidada demonstrará tratar-se dum juízo, pelo menos, precipitado.

Desde o momento em que abre para o mundo os olhos ingénuos sequiosos de compreensão, quando biològicamente está apta a compreender e a viver, encontra-se a geração que agora ronda pelos vinte e poucos anos em plena catástrofe. Uma crise profunda revelada das mais desconcertantes contradições passa em torvelinho ante os seus olhos abertos de espanto.

¿ Mas que fôrça poderá dobrar esta seara imensa de vidas, desabrochando plena da seiva e de vigor? A própria razão da Natureza, a conservação da espécie, impõe aos novos de hoje uma inquietação social aguda, uma mentalidade de conquistadores, expressas no amor da vida e da realidade, na comunhão com o que resta de são e vivo num corpo social combalido.

Daqui que a arte em que se prega uma renúncia constante à intervenção e ao combate não corresponde mais às necessidades espirituais da juventude. Não se trata portanto dum preconceito político, mas da manifestação duma nova consciência, duma outra concepção do mundo e da vida.

Sinfonia da Guerra é um livro inédito na nova literatura moderna: um poeta teve a coragem de viver um drama de toda a gente. Nas suas páginas passa a inquietação de todas as almas nas horas do primeiro dia de Setembro e nas horas que se lhe seguiram.

Os seus versos são directos, sem artificialismo; a simplicidade da linguagem e da música faz lembrar em vários passos a simplicidade de certos romances populares; enche-os um romantismo novo, humano e esclarecido, um novo heroísmo.

Ser homem é viver o amor e o ódio, a alegria e a tristeza, o belo e o horrível; ser homem é também comungar com os outros homens nas suas dores e nos seus anseios. Ser poeta é mais: saber cantá-lo.

JOAQUIM NAMORADO.

OF THE COURT

EDIÇÕES

«SOL NASCENTE»

PUBLICADOS:

AFONSO RIBEIRO—ILUSÃO NA MORTE, novela,
1938. I vol. 10\$00

ANTÓNIO RAMOS DE ALMEIDA—SINFONIA DA
GUERRA, poema. I vol. . 5\$00

A PUBLICAR:

JOAQUIM NAMORADO—A MÃO DE LÔBO, novelas

RODRIGO SOARES—O MATERIALISMO E A CUL-
TURA, ensaios

JOAQUIM NAMORADO—AVISO À NAVEGAÇÃO,
poemas